

## **AS RELAÇÕES ENTRE RELIGIÃO PODER E GÊNERO: A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DA MULHER NA IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL EM CAMPINA GRANDE**

Larissa Albuquerque Moura Almeida<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho tem como principal objetivo estudar a importância do trabalho feminino na Igreja Protestante e como o mesmo é visto pela liderança masculina, mesmo que por muitas vezes pessoas de ambos os sexos tendo as mesmas capacidades intelectuais e o que é exigido pela denominação em estudo, que é o curso de Teologia. Esse fato me despertou curiosidade pessoal e posteriormente curiosidade acadêmica, subseqüentemente tendo desejo em fazer este trabalho. No decorrer do presente trabalho iremos usar o conceito de poder simbólico levantado por Pierre Bourdieu para questionar quais mecanismos históricos ou forças teriam sido responsáveis pela permanência das estruturas da divisão sexual até a atualidade, em que a permanência, a hegemonia e a valorização pública do masculino sobre o feminino não mais se impõem como naturais e indiscutíveis.

**Palavras-chave:** Religião, protestantismo, gênero, poder, Campina Grande

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo tem como principal objetivo, a importância do trabalho feminino na Igreja Protestante, tomando como referência a Igreja Evangélica Congregacional em Campina Grande. Mesmo havendo capacitação por parte de ambos os sexos, levando em consideração que o curso de Teologia é aberto para homens e mulheres, na funcionalidade da denominação há hierarquia dos homens sobre mulheres. Ao analisar o Novo Testamento, podemos perceber que Cristo quando veio a Terra, apesar de ter doze discípulos no seu convívio freqüente, no momento em que havia reuniões para que ele pregasse, Ele não fazia distinção das pessoas

---

<sup>1</sup> Graduada no curso de História pela Universidade Federal de Campina Grande – larissaalmeida380@gmail.com

pelo seu sexo. Esse fato me despertou curiosidade pessoal e posteriormente curiosidade acadêmica, subseqüentemente tendo o desejo em fazer este trabalho.

A prática de tratar com diferença as pessoas de diferentes gêneros e as relações de patriarcalismo que estão inseridas dentro da Igreja Evangélica Congregacional em Campina Grande pode ser notada pela diferença da terminologia das pessoas que tem o diploma de Teologia: aos homens é conferido o título de pastor e o direito de liderar igrejas, já as mulheres são intituladas de missionárias e exercem atividades que são consideradas exclusivas das mulheres.

Partindo dessas diferenças de gênero, podemos usar Pierre Bourdieu (2003) para questionar quais mecanismos históricos ou forças teriam sido responsáveis pela permanência das estruturas da divisão sexual até a atualidade, em que a permanência, a hegemonia e a valorização pública do masculino sobre o feminino não mais se impõem como naturais e indiscutíveis.

O interesse de trabalhar com este tema surgiu através do contato que tive desde a minha infância com o protestantismo e através disso, veio a tona curiosidades sobre a imagem da mulher neste ambiente. Sempre me surgiu questionamentos sobre o motiva das mulheres nunca assumirem cargos de liderança, por exemplo. Membros da minha família fizeram parte da fundação da Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande, que é ligada a Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil<sup>2</sup> e com isso, convivi em um ambiente onde a liderança é formada por pastores, presbíteros e diáconos e seu exercício era feito apenas por homens. A curiosidade que até então era pessoal, surgiu como curiosidade acadêmica. Vale ressaltar que este trabalho não representa nenhuma mágoa ou tentativa de contrariar a doutrina da denominação.

---

<sup>2</sup> A Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais teve início no começo da década de 1960 com as seguintes igrejas: Igreja Evangélica Congregacional em João Pessoa, Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande, II Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande, Igreja Evangélica Congregacional de Patos, Igreja Evangélica Congregacional em Tegipió, Igreja Evangélica Congregacional de Casa Amarela e Igreja Evangélica Congregacional do Pina. Os pastores das igrejas acima referidas, juntamente com o pastor da Igreja Evangélica Congregacional de Aracajú/SE, iniciaram esse órgão denominacional a partir de divergências doutrinárias com a União das Igrejas Evangélicas Congregacionais que, até então, era o único órgão que representava a denominação. Texto completo em: <[http://igrejacongregacional.org.br/?page\\_id=38](http://igrejacongregacional.org.br/?page_id=38)> Acesso em: 13/06/2019

Através do convívio como membro da denominação em estudo, pude perceber que a minha volta havia um número de mulheres que trabalhavam duramente e ofertavam seu tempo e recursos por amor ao que elas chamam de “obra de Deus”, ocupando cargos administrativos ou setoriais, porém a liderança pastoral ficava a cargo dos homens. O fato das mulheres não ocuparem cargos de liderança eclesiástica nas igrejas desta instituição, sempre me fez elaborar questionamentos a respeito.

Apesar das inúmeras conquistas sociais, e até mesmo no campo religioso, podemos perceber que ainda há muito que ser conquistado pelas mulheres. Tendo em vista que em grande número das denominações tidas como históricas, as mulheres são ensinadas a desenvolver atividades que são “próprios de mulheres”, e submissa aos homens. As mulheres mesmo sendo tratadas como subgrupos, efetivamente nunca o foram. Pois por vezes elas dispunham do seu tempo e recursos para fazerem trabalhos árduos dentro da igreja.<sup>3</sup>

É bem sabido também que a perpetuação da prática de divisão das atividades a partir da diferenciação de gênero ainda é perceptível, mesmo as mulheres tendo conquistado muitos espaços socialmente falando. Então, parafraseando Bourdieu, nós podemos refletir acerca das práticas que ainda continuam sendo perpetuadas na sociedade em que vivemos, fazendo com que ainda haja a hegemonia e valorização pública do masculino como algo, por muitas vezes dentro da igreja, indiscutível e neutralizado.

Deste modo, a partir da análise da participação feminina ao longo da história da igreja, e, atentando para o momento atual, marcado por movimentos de reivindicação feminina em prol de participação nos espaços públicos, tais como o ministério ordenado por parte de muitas mulheres protestantes no interior de variadas instituições eclesiais de missão, o estudo insere a análise referente ao lugar das mulheres missionárias da AIECB e suas reivindicações. A vinculação entre religião e gênero tem sido estudado com mais intensidade desde a década de 1960, quando surgiu o feminismo contemporâneo nas grandes religiões ocidentais cristãs, porém de forma muito inicial. O propósito deste estudo é apreender historicamente a relação das mulheres com o fenômeno religioso e de construir uma crítica às

---

<sup>3</sup> Neste caso, podemos citar o exemplo de Sarah Kalley, pioneira nos trabalhos missionários e juntamente com seu esposo Robert Kalley, implantaram a primeira Igreja Evangélica Congregacional do Brasil – situada no Rio de Janeiro. A mesma foi a primeira que iniciou os trabalhos de Escola Dominical no país, trazendo um trabalho específico para crianças, porém seu esposo ganhou maior notoriedade nos trabalhos em que ambos fizeram no país.

injunções da Igreja à vida das mulheres. Percebe-se que mesmo a religião impondo a mulher um lugar de subalternidade, ela procura na religião um lugar de conforto.

Joan W. Scott (1995) conceitua o gênero de forma que nos possibilitam este trabalho fazer o estudo do tema proposto, pois ela analisa o entendimento de construção social com e noção de poder, presente no processo dessa produção (SCOTT, 1995), onde em um dos seus inúmeros conceitos ela relata que gênero pode ser caracterizado como uma forma de relação de poder. Scott, também influenciada por Michel Foucault, entende o gênero como um saber sobre as diferenças sexuais. E, havendo uma relação inseparável entre saber e poder, gênero estaria imbricado a relações de poder, sendo, nas suas palavras, uma primeira forma de dar sentido a estas relações. Scott também mostra que gênero é uma percepção sobre as diferenças sexuais, hierarquizando essas diferenças dentro de uma maneira de pensar engessada e dual. Scott não nega que existem diferenças entre os corpos sexuados. O que interessa a ela são as formas como se constroem significados culturais para essas diferenças, dando sentido para essas e, conseqüentemente, posicionando-as dentro de relações hierárquicas.

Antes de discutir as relações de poder, faz-se necessário saber sua origem. A palavra original surge do latim: *potere*, que no latim clássico pode ser conhecido como *posse*. Dessa forma, podemos concluir que a etimologia da palavra poder está relacionado a aquilo que manifesta força, controle, normatização, entre outros.

A conceituação da palavra *poder* no dicionário de política tem uma definição mais flexível. Mesmo que tenha a possibilidade de diferenciá-la em várias esferas, nota-se em todos os âmbitos que a sua essência gira em torno da autoridade:

**O conceito de política**, entendida como forma de atividade humana, está estreitamente ligado ao de poder. O poder político pertence à categoria do poder do homem sobre outro homem, não à do poder do homem sobre a natureza. Esta relação de poder é expressa de mil maneiras, onde se reconhecem fórmulas típicas de linguagem política: como relação entre governantes e governados, entre soberano e súditos, entre Estado e cidadãos, entre autoridade e obediência, etc. (Bobbio, 2014, p.1).

No dicionário Aurélio, em sua versão online ano 2018, a palavra poder é contemplada em 51 conceitos, sendo um verbo transitivo direto e tem como alguns dos significados: “Império, soberania, mando, autoridade.”<sup>4</sup>

A partir de Foucault, o conceito do poder está interligado ao direito e a verdade<sup>5</sup>. A partir desses três conceitos, Michell Foucault expõe o conceito de poder como direito, pelas formas que a sociedade se coloca e se movimenta. Se há o rei, há também os súditos, se pode haver a existência de leis, há aqueles que os criaram e aqueles que lhe devem obediência.

para assinalar simplesmente, não o próprio mecanismo da relação entre poder, direito e verdade, mas a intensidade da relação e sua constância, digamos isto: somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e quem necessita dela para funcionar, temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou encontrá-la. (Foucault, 1999, p.29)

Tentar compreender as práticas habituais como não sendo como apenas uma reprodução das estruturas, faz com que possamos distinguir a mudança de concepção e de atitudes com relação as missionárias: no que diz respeito ao comportamento dos líderes e também aos membros. Pode-se dizer que hoje em dia, há uma aceitação maior da presença da mulher nos cargos religiosos. Porém, apesar dos inúmeros avanços com relação ao papel da mulher no cenário religioso, podemos ver que ainda há muito o que ser conquistado.

## **METODOLOGIA**

O trabalho de observação teve início no ano de 2016, se estendendo até o ano de 2018 em cultos, eventos organizados pelas missionárias, como também em encontros de pastores e esposas, havendo conversas informais com certas missionárias e esposas de pastores ligados a AIECB que começaram a atuar em trabalhos religiosos entre as décadas de 1970 e 1990 e estão sendo realizadas até os dias atuais principalmente aproveitando os cultos de mulheres e de departamentos onde as missionárias são líderes. Houve também a elaboração de roteiro de entrevista, que fora realizado com dois pastores que são ligados à Igreja

---

<sup>4</sup> Conceitos disponíveis em: < <https://dicionariodoaurelio.com/poder> > Acesso em: 07/11/2018

<sup>5</sup> Foucault nos apresenta uma relação indissociável entre poder e verdade, quando diz que “verdade não existe fora do poder ou sem poder” (FOUCAULT, 1988, p.12), porém não cabe a nós neste trabalho analisar o conceito de verdade.

Evangélica Congregacional de Campina Grande, além de algumas missionárias que prestam serviço também a esta denominação.

Com relação à atuação do homem na liderança de entidades religiosas, podemos concordar com Carmo (2004p.29), quando diz que o conceito de “ser” e do “papel da mulher” e a visão de si mesmas das missionárias permaneceram constantes dentro da hierarquia religiosa, indo de encontro as conquistas sociais e econômicas das mulheres. Nas igrejas ligadas a denominação em questão, além das missionárias realizarem trabalhos sob supervisão dos seus pastores, lhes é vetado o direito de assumir cargos como o de pastorado<sup>6</sup>, por exemplo,<sup>7</sup>. Quando se é questionado acerca da atuação da mulher na Igreja, podem-se obter opiniões distintas, pelo fato de haver diferentes maneiras de interpretação da Bíblia. Sendo assim, os diferentes apontamentos sobre as atividades permitidas ou não às mulheres nas instituições religiosas, partem principalmente das formas de interpretação da Bíblia, que é considerada pelos cristãos como regra de fé e prática.

Nessas diferentes maneiras de interpretar a Bíblia e formar opinião, podemos distinguir duas principais linhas de pensamento dos pastores da denominação em estudo<sup>8</sup>. Dentre as inúmeras interpretações que a Bíblia está sujeita, podemos destacar duas vertentes: 1) os ditames bíblicos são encarados como válidos para todas as épocas e culturas sociais. 2) Interpretar os textos bíblicos, tendo consciência que neles há elementos sociais e culturais e assim, levando em consideração que certas determinações, como o silêncio das mulheres e sua submissão ao poder pátrio já não são mais válidas para os dias atuais. Essa divergência de interpretações e opiniões também pode ser causada pelos diferentes ambientes em que os pastores viveram. Os pastores que foram entrevistados, Pedro e Arthur<sup>9</sup>, tiveram diferentes vivências tanto no âmbito ministerial, como no âmbito social. Enquanto Pedro tem curso superior e especialização em teologia pelo STEC<sup>10</sup>, lugar conhecido por treinar homens e mulheres para serem pastores e missionárias com a visão da doutrina da denominação. Já Arthur, além do curso superior em Teologia pelo Seminário Teológico Evangélico do Brasil<sup>11</sup>,

---

<sup>6</sup> Pastorado é a principal liderança nas comunidades religiosas de cunho protestante

<sup>7</sup> Regimento interno, 2013, capítulo XII, art. 85.

<sup>8</sup> Entrevistas realizadas por mim no decorrer do ano de 2018.

<sup>9</sup> Por motivos de segurança, usaremos pseudônimos. Os dois pastores concordaram em expor os nomes deles no trabalho, mas por escolha minha preferi não colocar.

<sup>10</sup> Seminário Teológico Evangélico Congregacional, seminário organizado pela AIECB que dentre os seus cursos de teologia oferece disciplinas para normatizar os alunos e candidatos a pastores e missionárias a seguirem as doutrinas da denominação.

<sup>11</sup> Instituição que apesar de ser ligada a Convenção Batista Nacional, na sua origem é indenominacional, tendo em suas disciplinas a contextualização com outras áreas, fazendo com que haja uma maior abertura para

é formado em História e é mestre em Ciências Sociais. Os dois atuam como pastores, sendo o primeiro na Igreja Congregacional Central de Campina Grande e este último em uma das congregações<sup>12</sup> situada aqui na cidade de Campina Grande.

## DESENVOLVIMENTO

Podemos destacar também a importância da atuação das missionárias solteiras, que antes de 1860, dificilmente eram vistas como tais. Podemos ver que a partir das considerações de Reyle (1997, p. 182), que as primeiras mulheres que foram consideradas missionárias eram as esposas de missionários ou pastores. Ele também nos diz que “a carreira da esposa do missionário (...) foi uma atraente opção para muitas protestantes na primeira metade do século XIX e também depois” (REYLE,p.182). O autor cita o nome de missionárias, esposas de missionários, que poderiam ser citadas como modelo da obra missionária e de ministras de Deus, entre elas está a sra. Sarah Poulton Kalley, primeira missionária protestante da denominação em estudo.

Um importante destaque no ministério de Sarah Kalley foi a confecção do livro “A Alegria da Casa”, que segundo FREITAS JÚNIOR (2010, p. 29), ela tenta incutir nas mulheres de sua época uma educação feminina que normatizasse seus comportamentos, pensamentos e rotina do seu cotidiano. A sua edição foi feita onze anos após sua chegada no Brasil, com uma linguagem simples e exemplos práticos dos ensinamentos. Dentre os 10 capítulos que compõem este livro, Sarah tinha como objetivo mostrar as mulheres como elas deviam se portar dentro e fora de casa. Os escritos presentes neste livro servem como manual de boas maneiras, padronizando a conduta feminina, dando ênfase aos espaços da casa, aos cuidados na alimentação, a temas relacionados à higiene da pele, boca, rosto, nariz, olhos, cabelos, mãos, unhas, vestuário e precauções com o sono e com o quarto de dormir.

A partir de informações obtidas por ARAÚJO (2012, P.87-97), podemos fazer uma breve análise desse livro que quando foi confeccionado, tinha como objetivo mostrar mulheres que foram exemplos em sua vida doméstica e ministerial. Nele podemos encontrar histórias de vida de missionárias solteiras e casadas, falando da importância dos trabalhos realizados pelas mesmas e, mesmo que inconscientemente, como o estado civil das mesmas influenciaram no modo delas de atuarem no serviço religioso. Porém um fator em comum que encontramos no decorrer do texto, é que independentemente da sua situação civil, as mulheres

---

discussões que muitas vezes são considerados tabus dentro das igrejas. Para mais informações: <<http://steb.org.br/institucional/breve-historia.htm>> Acesso em: 26 de setembro de 2018.

<sup>12</sup> Comunidade religiosa em formação, sob a tutela da igreja sede.

biografadas foram “chamadas” por Deus para desenvolver um trabalho no reino de Deus.<sup>13</sup> Porém o modo das mesmas serem tratadas variava a partir do viés conjugal delas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao serem questionados se eram contra ou a favor do ministério ordenado feminino, obtive as seguintes respostas:

Sou absolutamente a favor de um Ministério Feminino, pois não consigo ver textos Bíblicos que nos mostre em detalhes uma provável desaprovação. Vejo que uma interpretação tendenciosa tem transformado em doutrina alguns textos da Bíblia que acabam sendo usados desconectados de uma contextualização necessária. E a contextualização é uma regra hermenêutica indispensável na aplicação de textos históricos, que foram assim elaborados dentro de seus próprios contextos. Daí a dificuldade evidente de exegetas se apropriarem da hermenêutica e conseguirem fazer uma separação entre princípios Bíblicos que são imutáveis, e os princípios culturais que devem ser interpretados de acordo com seu contexto cultural. Temos que ter muito cuidado, pois, como a Bíblia é um Livro muito importante e que dita nosso comportamento em todas as áreas da vida, facilmente somos levados a descartar o caráter histórico e cultural de muitas narrativas. O que traduz talvez uma ortodoxia de núcleo duro. Aliás, particularmente acho que esse ponto é nevrálgico pra se discutir questões relacionadas ao Ministério Feminino na Igreja nos dias de hoje. Nosso pensamento ainda é demasiadamente ortodoxo para enxergar a atuação das mulheres nas funções de liderança. Algumas denominações, já iniciaram suas discussões “a favor”, e conseguem ordenar mulheres ao Ministério. Contudo em muitos redutos organizacionais falar sobre essa possibilidade ainda é muito difícil<sup>14</sup>.

Este tipo de resposta é bastante incomum vermos partindo de um pastor. A resposta acima foi obtida do pastor Arthur, que nos mostra ser consoante a interpretação que trouxemos durante este trabalho. No decorrer de toda sua carreira ministerial, ele lutou contra o discurso de inferiorização da imagem feminina dentro da AIECB, correndo o risco de ser punido por ter um comportamento considerado inadequado, pois está indo de encontro ao Regimento Interno da denominação, que em seu Capítulo XII, no artigo 85, pág. 20 nos diz que “Só serão ordenados ao Ministério Pastoral, candidatos do sexo masculino.” Podemos

<sup>13</sup> Para aqueles que vivem no seio da igreja (instituição), o serviço religioso é tido como uma contribuição para a expansão do conhecimento da Bíblia, sendo assim um “trabalho para o Reino de Deus”

<sup>14</sup> Resposta obtida através de roteiro de entrevista aplicado com dois pastores ligados a AIECB, sendo um co-pastor da Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande e outro da Igreja Evangélica Congregacional Dunamis, que é congregação (igreja extensão) da primeira igreja anteriormente citada.

interpretar que na entrevista ele deixou a entender que as pessoas que tem os ideais que destoam dos discursos pregados pela denominação, são retaliados. Apesar de discordar da assimetria existente nas relações de gênero existentes na instituição, o pastor Arthur por vezes tem de mostrar que concorda com esse tipo de comportamento quando diz que

É inevitável esbarrar nessa ASSIMETRIA desnecessária nas nossas relações de proeminência dentro da organização. Acredito que numa sociedade ainda patriarcal, cujo pano de fundo histórico é vazado pelas culturas judaico-cristã, é inevitável que haja essa relação desigual. Hoje ainda reproduzimos um conceito de justiça essencialmente “mundano” (de preponderância cultural). Voltamos novamente às linhas de interpretação dos textos Bíblicos que trazem toda essa carga conceitual ortodoxa de desigualdade e submissão. Os homens assim são superiores e merecem melhores salários. A mulher não pode nem falar em algumas igrejas. Não concordo com nada disso. Tenho lutado pra desconstruir esse pensamento dentro de nossa comunidade. Contudo, provavelmente posso até ser advertido pelo Conselho de Pastores por apregoar idéias que são consideradas como “fora da caixa”. **Não posso pensar fora da caixa.** Risos. (Grifo meu).

Já o posicionamento do pastor Pedro, no que diz respeito ao ministério ordenado feminino, é contrário, tendo em vista os motivos de ele usar a Bíblia e o regimento interno da instituição como prerrogativas para sua posição. Não podemos considerar que sua opinião seja machista, mas como uma opinião gerada através do meio em que o mesmo criou suas idéias. Quando ele diz que:

As recomendações do apóstolo Paulo quanto ao presbiterado são apenas para os homens. Entretanto, o fato das mulheres não governarem a igreja, não impede que as mesmas preguem ou ensinem a palavra de Deus. O governo da igreja é masculino e não feminino. As mulheres podem servir a Deus, contudo, governar é uma prerrogativa masculina. Quando afirmo que mulheres não podem ser pastoras o faço na perspectiva de governo. O governo da igreja juntamente com os oficiais que a regem são eminentemente masculinos.

Em todas as respostas, o pastor Pedro nos mostra o reconhecimento dele sobre importância existente do trabalho das mulheres dentro das instituições religiosas, no caso a AIECB, quando as mesmas pregam, dão estudos bíblicos, visitam, aconselham, lideram grupos, entre tantas outras atividades. Porém lhes é vetado atividades sacramentais como realizar um casamento, batismo, dirigir a ceia, etc. Apesar de pastor Pedro ser consciente dos papéis que as mulheres exercem dentro das igrejas, para ele, elas não devem ter autoridade

sobre o marido. Isso ele nos mostra quando lhes é perguntado sobre sua opinião acerca das mudanças sociais e religiosas das mulheres e ele concede a seguinte resposta:

Nos últimos anos houve importantes avanços da mulher do papel da mulher na sociedade no mundo, porém esses avanços não ficaram livres de exageros e distorções da verdadeira função feminina na sociedade. O feminismo interpretou de forma equivocada a mulher em termos desconexo com a função e lugar a ela devidos. A mulher na Bíblia tem um papel muito importante. Tal constatação não é demagogia. É verdade que as personagens femininas são minoria e poucas em comparação com o número daquelas masculinas. Todavia, considerando a sociedade patriarcal de então, a presença delas não pode deixar de ser notada. No Antigo Testamento encontramos verdadeiros símbolos de fé. Não é o caso de lembrar a história delas, mas basta recordar alguns nomes: Sara, Miriã, Raquel, Débora, Hulda, Rute, Ana, Mical, Abigail, Ester...

(...)

A história mostra a importância das mulheres e deixa evidente que muitas foram fundamentais para o alcance de avanços sociais. Todas lutaram porque acreditavam no que era justo e encontraram uma boa causa pela qual valia a pena batalhar. Esses fatos são verdadeiras lições de coragem, ousadia e de esperança. Aqui no Brasil, uma das favoritas é a princesa Isabel, uma grande lutadora pela libertação dos escravos. Temos a polonesa Marie Curie, famosa por suas pesquisas com a radioatividade; a jovem paquistanesa Malala Yousafzai, por sua luta a favor dos direitos das mulheres à educação, e tantas outras que fizeram diferença no mundo.

Já ao pastor Arthur quando foi feito o mesmo questionamento, ele mostra sua opinião favorável as mudanças sociais que envolvem as mulheres e que isso deve ser feito dentro das instituições religiosas também. Mais uma vez sua opinião se mostra consoante com nossa interpretação quando diz que

Acho absolutamente necessário esse movimento de libertação da mulher. Dentro de um contexto histórico em constante evolução de idéias e pensamentos o lugar da mulher na sociedade em todas as instâncias tem que ser repensado. As mulheres são constituídas de virtudes e qualidades que com certeza de forma maravilhosa foram planejadas pelo Criador com a finalidade de complementar a criação humana. Isso está escrito no primeiro livro da Bíblia. Acredito que essa emergência também tem causado muito barulho e ausência de diálogos. Pois toda mudança requer muita paciência e cautela. As discussões são sempre calorosas e desprovidas de bom senso. A competitividade e o pragmatismo são reverenciados como Deuses necessários para manutenção das nossas relações. O empoderamento feminino pode se tornar um

problema, sem o equilíbrio. Assim como o Patriarcalismo também apresenta suas falhas visíveis. Em minha opinião, isso não ajuda. Contudo espero em Deus que todas essas transformações sociais sejam absorvidas pelo mundo evangélico de maneira ordeira e equilibrada, pois “crê é também pensar”. Estarei sempre contribuindo pra isso. E num contexto mais amplo acho que a Educação pra todos é o remédio para nossas discussões. Acredito que o conhecimento, é que vai ativando nossa capacidade de pensar bem de pensar cada vez melhor sobre todos os assuntos que estejam atrelados às nossas relações!

Sua resposta nos mostra sua posição favorável em que as mulheres, tendo as mesmas qualificações teológicas que os homens, não sejam distinguidas a partir do requisito biológico. Diferentemente da maioria dos pastores da AIECB, para pastor Arthur, os homens não devem deter o domínio dos discursos religiosos e doutrinários.

Pudemos perceber que posicionamento patriarcal que vigora até os dias atuais entre as lideranças das igrejas históricas, em específico na AIECB, ficou mais claro na posição de pastor Pedro ao ser contra o ministério ordenado feminino. Esta ideologia patriarcal prega que o homem passa a ser o líder, enquanto a mulher deve ser submissa (nesse caso, podemos interpretar a submissão feminina como uma missão que está sob a missão do homem: ou seja, a mulher deve auxiliar o homem – seja ele seu pai, marido, ou pastor).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluimos então, que a completa submissão das mulheres/missionárias aos seus líderes, não acontece em sua totalidade. A liberdade que elas possuem de poder questionar, reivindicar, liderar departamentos e, inclusive ter um departamento próprio, nos mostra que muitas conquistas já foram obtidas pelas missionárias. O acesso delas a cursos de ensino superior, lhes permitem um leque de novas reflexões que possibilitam novos pontos de vista acerca da realidade que vivem. Então, podemos afirmar que as missionárias congregacionais estão vivenciando uma ascensão – mesmo que de forma lenta – de novas conquistas, sendo uma delas a visão de que a submissão das esposas aos seus maridos significa ter de se sujeitar a comportamentos machistas deles. Um conjunto de novas interpretações bíblicas faz com que elas consigam romper o sistema hegemônico de cunho misógino e machista que por vezes é presente no âmbito religioso.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Rute Salviano. **Uma voz feminina na Reforma**. São Paulo: Hagnos, 2010.

ANDERS, Rodolfo. *A Escola Dominical: organização e administração*. 2. ed. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1949

ARAÚJO, Lidiane Cordeiro Rafael de; SILVA, Magnólia Gibson Cabral da. *Missionárias esposas de pastores: a invisibilidade do ministério feminino na Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil*. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 14, p. 87-97, Ago/Dez, 2012.

BOURDIEU, Pierre **A dominação masculina**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ ENSINO FUND., MÉDIO E PROFISSIONAL: Paraná, 2014. Disponível em: <<https://projetoaletheia.files.wordpress.com/2014/08/conceito-de-politica.pdf>> Acesso em: 25/02/2018.

CARDOSO, Douglas Nassif **Sarah Kalley – Missionária pioneira na Evangelização do Brasil**. São Bernardo do Campo: Ed. do Autor, 2005.

CARMO, Jeane Noronha do. *Gênero e Hierarquia na AIECB – Aliança de Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil*. 2004. 42 f. Monografia (Graduação em Antropologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

CRUZ, Maria Isabel da **A mulher na Igreja e na política**. – 1.ed. – São Paulo: Outras Expressões, 2013.

Departamento Nacional Feminino da A.I.E.C.B. (1997) – **Biografias das servas de Deus que com suas vidas e ministérios foram bênçãos para nossa Denominação**. Campina Grande, PB: Direção geral do Departamento Nacional da A.I.E.C.B.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HODDER, Edwin. **The life of Samuel Morley**. London: Hodder & Stoughton, 1887.

MONTEIRO, Maria Conceição. *Figuras Errantes na Época Vitoriana: A Preceptora, a Prostituta e a Louca*. *Revista Fragmentos*, V. 8, No I, Jul.-Dez., 1998, UFSC e In *Revista Brasil de Literatura*, Internet, 1998.

KALLEY, Sarah. *A alegria da casa*. In: CARDOSO, Douglas Nassif. *O cotidiano feminino no Segundo Império*. São Bernardo do Campo: Edições do Autor, 2005.

REYLE, Duncan Alexander. **Ministérios femininos em perspectiva histórica**. 2ª edição. Campinas, CEBBEP; São Bernardo do Campo, Editeo, 1997.

ROCHA, J. G. da. *Lembranças do Passado*. Centro Brasileiro de Publicidade Ltda., Rio de Janeiro, RJ, 1946, Vol.III. P. 89-90.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria Útil de Análise Histórica*. **Educação e Realidade**. 20 (2), p. 71-99, 1995.

WEBER, M.. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Antônio Flávio Pierucci (Ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.